

O FRIGORÍFICO NA ALDEIA: ALGUMAS IMPLICAÇÕES DO TRABALHO NAS INDÚSTRIAS DE CARNE PARA OS KAINGANG DO TOLDO CHIMBANGUE

Miriam Rodeguero*

RESUMO

Um número bastante expressivo dos Kaingang da Terra Indígena Toldo Chimbangue tem sido empregado nos frigoríficos da região de Chapecó-Santa Catarina, fato que é muito bem expressado na fala de uma Kaingang: “Difícil é encontrar aqui no Chimbangue alguém que nunca trabalhou num frigorífico”¹. A constatação, certa, vem de encontro a um cenário que começou, segundo os relatos, por volta do ano de 2008. Na época, as indústrias divulgaram na Terra Indígena a procura por mão de obra e já realizaram o cadastramento daqueles que estavam interessados. Muitos começaram a trabalhar nos frigoríficos a partir deste momento, alguns permanecem até hoje, mas a maioria costuma mudar frequentemente de empresas ou trabalhar nos frigoríficos de maneira intermitente. O objetivo principal deste artigo é apresentar alguns dos desdobramentos possíveis para os Kaingang de um emprego que os retira diariamente do espaço da aldeia e oferece condições de trabalho já fartamente denunciadas. Nesse sentido, a pesquisa buscou explorar as relações entre o trabalho realizado nos frigoríficos e o modo de vida Kaingang no que diz respeito às relações com os animais, à alimentação e, principalmente, às noções de trabalho. Espera-se, em alguma medida, contribuir com a problematização dessas questões.

Palavras-chave: Kaingang; trabalho; animais; alimentação

The slaughterhouse in the village: some implications of the work in the meat industry for the Kaingang of Toldo Chimbangue.

ABSTRACT

A very significant number of the Kaingang from Toldo Chimbangue has been employed in slaughterhouses in the region Chapecó, Santa Catarina, a fact that is very well expressed in the speech of a Kaingang: “It is hard to find here in Chimbangue someone who has never worked in a slaughterhouse”. The affirmative, accurate, agree with a backdrop that began, according to reports, around the year 2008. At the time, the industries presented the demand for labor and has made the registration of those who were interested. Many started working in slaughterhouses from this moment, some remain today, but mostly of them change of companies several times or work in slaughterhouses intermittently. The main objective of this paper is to present some of the possible consequences for the Kaingang a job that removes them every day of the village space and offers working conditions already widely denounced. In this sense, the research sought to explore the relationship between the work done in slaughterhouses and the Kaingang life as regards relations with animals, food, and, mainly, working notions. It is expected, to contribute to the issues.

Key-words: Kaingang; work; animals; feed

El matadero en el aldea: algunas implicaciones del trabajo en las industrias de la carne para los Kaingang del Toldo Chimbangue

RESUMEN

Un número muy significativo de los Kaingang del Toldo Chimbangue ha sido contratada por los mataderos de la región de Chapecó, Santa Catarina, un hecho que está muy bien expresado en el discurso de un kaingang: “Es difícil de encontrar aquí en Chimbangue alguien que nunca ha trabajado en un matadero”. La declaración, precisa, viene en un contexto que se inició, según los informes, alrededor del año 2008. Las industrias hicieron la divulgación en el pueblo de la demanda de mano de obra y ha hecho que el registro de aquellos que estaban interesados. Fue entonces cuando muchos empezaron a trabajar en los mataderos; algunos siguen hasta hoy en día, la mayoría de la gente con frecuencia cambian de compañía, o trabajar en los mataderos de forma in-

* Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Contato: miriamstefanuto@gmail.com

¹ Expressões ou palavras que estão entre aspas, mas sem nenhuma referência bibliográfica, são termos usados pelos próprios Kaingang.

termitente. El objetivo principal de este artículo es presentar algunas de las posibles consecuencias causadas por un trabajo diario que es lejos del aldea y ofrece las condiciones de trabajo ya ampliamente denunciadas. En este sentido, la investigación trató de explorar la relación entre el trabajo en los mataderos y da vida Kaingang acerca de las relaciones con los animales, los alimentos y especialmente las nociones de trabajo. Se espera, en cierta medida, contribuyen a estos problemas.

Palabras clave: kaingang; trabalho, animales, alimentação

ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE “UM TRABALHO QUE NINGUÉM MAIS QUER”

Quem chega ao Toldo Chimbanguê o faz pela rodovia SC 484, que passa pela Terra Indígena e liga Chapecó a Paial, uma cidade próxima. Em 1985, depois de um intenso e demorado processo de luta, foram reconhecidos e demarcados 988 hectares de terras Kaingang – metade das terras reivindicadas para o Toldo Chimbanguê – sendo um hectare de terra afastado da demarcação principal e onde está localizado o cemitério indígena (Nacke et al, 2007, p 60). Em 2000 a Terra Indígena teve sua ampliação decretada ao serem reconhecidos mais os 975 hectares que faltavam até então (Nacke et al., p. 65). A população da aldeia é de cerca de 560 Kaingang, segundo informações do cacique, e aproximadamente 100 Guarani². Diversos relatos indicam que muitos dos Guarani também estão empregados nos frigoríficos, esta pesquisa, no entanto, se ocupou somente dos trabalhadores Kaingang.

Existem três grandes empresas frigoríficas na região de Chapecó que contratam os indígenas Kaingang do Toldo Chimbanguê. A BRF – resultado da fusão entre a Perdigão e a Sadia –, a Cooperativa Aurora, e a empresa Seara, esta localizada em um município vizinho de mesmo nome, mas sabe-se de alguns indígenas que se deslocam até lá para trabalhar³. Com exceção da Cooperativa Aurora, as demais apresentam uma trajetória comum em diversos aspectos. As três nasceram a partir da criação de suínos, foram fundadas mais ou menos na mesma época – entre as décadas de 30 e 50 do século passado – e na mesma região, o oeste de Santa Catarina. Tornaram-se grandes empresas do setor brasileiro de

alimentos e acabaram sendo vendidas por suas famílias fundadoras. A Aurora Alimentos surgiu depois, a partir de uma ideia baseada no Cooperativismo, em 1969, mas não iniciou suas atividades a partir do ramo de frigoríficos. Começou com a distribuição de cereais em Santa Catarina, e em 1988 criou a unidade frigorífica de Maravilha (SC) (Junior, 2012, p. 5); possui instalações em diversos municípios, incluindo Chapecó.

Atualmente, “a venda da força de trabalho tem sido recorrente em todas as TIs”. “Os indígenas trabalham como diaristas ou por empreitada nas lavouras dos regionais em serviços como a quebra e a colheita do milho, colheita do feijão e limpeza das roças”, serviços que não implicam em nenhum vínculo empregatício dos Kaingang com os agricultores que os empregam. E “há, ainda, indígenas que trabalham em aviários como carregadores de frango, também como coletores de maçãs [...] e, esporadicamente, no corte de erva mate” (Nacke et al, 2007, p. 97-98). Os Kaingang do Chimbanguê cultivam alguma erva mate, assim como prestam serviços agrícolas para terceiros. No que diz respeito mais especificamente aos trabalhos urbanos, diversos relatos apontam para uma predominância das atividades na construção civil e, mais ainda, nos frigoríficos, entre os Kaingang do Toldo Chimbanguê⁴.

Historicamente, a região onde está localizada a terra indígena foi alvo da ação de empresas colonizadoras que adquiriram grandes extensões de território para revender os lotes para colonos, principalmente imigrantes europeus vindos

² A comunidade Guarani vive no Toldo Chimbanguê temporariamente desde 2001, enquanto aguarda a demarcação de seu território, a Terra Indígena Araçá'i, localizada entre os municípios de Saudades e Cunha Porã, na extremidade do Oeste de Santa Catarina.

³ Outras formas de obtenção de renda foram indicadas pelos Kaingang das Terras Indígenas do oeste catarinense, sendo sempre lembrados “os “benefícios” do INSS (aposentadorias rurais), as pensões, os auxílios natalidade e deficiência física como recursos indispensáveis para a sobrevivência, além dos salários dos indígenas que pertencem aos quadros de funcionários da Funai, os contratos da Funasa, das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação” (Nacke et al., 2007, p. 97).

de colônias gaúchas. Nas primeiras décadas do século XX o oeste catarinense sofreu intensa exploração madeireira, promovida principalmente pelas empresas colonizadoras a fim de desocupar as terras a serem vendidas, mas também pelos colonos que passaram a ocupar os locais (Bellani, 1991). As matas da região eram constituídas por espécies como “cedro, caneleira, angico, sassafrás” (CIMI, 1984, p. 61), mas o que ganhava destaque era a presença maciça de pinheiros (*Araucaria angustifolia*, também chamadas de pinheiro do Paraná), fundamentais na manutenção do modo de vida Kaingang. Os pinheiros forneciam imensa quantidade de pinhões, um dos principais alimentos dos Kaingang e também dos animais que faziam parte de sua dieta (Mota, 2000, p. 86). O atual território do Toldo Chimbangue, antes de ser reconhecido e demarcado, foi ocupado por colonos que seguiram com esse modelo de exploração do território. Há que levar em conta, portanto, a impossibilidade da terra indígena continuar sendo o único meio da comunidade do Toldo Chimbangue obter o seu sustento. Trabalhos na cidade de Chapecó, como o dos frigoríficos, tornam-se uma das alternativas para os Kaingang.

Em um contexto que envolve, na maioria das vezes, pouca escolaridade e uma distância considerável da aldeia até a cidade e os locais de trabalho, as indústrias frigoríficas são as empregadoras mais comuns entre os moradores do Toldo Chimbangue, pois exigem pouca formação e são, até o momento, as únicas a oferecer transporte. Posto isso, ainda que seja uma atividade reconhecidamente prejudicial para aqueles que a executam e que os Kaingang tenham ciência dessas condições de trabalho, os frigoríficos permanecem contratando os indígenas.

O setor de frigoríficos não raro é alvo de processos por descumprimento de normas trabalhistas. Segundo dados do Ministério da Previdência, é um dos empregos mais desgastantes, com recordes de depressão e lesões entre os

trabalhadores. As condições de trabalho de três grandes empresas⁴ do ramo de frigoríficos foram investigadas em 2012 pela ONG Repórter Brasil, que apresentou os resultados em uma reportagem digital sugestivamente intitulada “Moendo Gente”⁵ e que teve continuidade através do documentário “Carne e Osso” (2011). Além de apresentar dados gerais alarmantes sobre os riscos aos quais estão submetidos os trabalhadores de frigoríficos, a reportagem traz informações a respeito da cidade de Chapecó. Segundo os dados apresentados, 20% dos seis mil funcionários locais que trabalham na BRF receberam benefícios previdenciários em razão de doenças ao longo de cinco anos, e cerca de 80% do público atendido no INSS é de frigoríficos.

Uma reportagem publicada na Revista Caros Amigos (PRIMI, 2013) investigou especificamente a situação dos indivíduos Kaingang que trabalham em frigoríficos em Santa Catarina, com enfoque na Terra Indígena Toldo Chimbangue⁶, mas existem outras Terras Indígenas Kaingang no mesmo município, e em municípios vizinhos, que também fornecem mão de obra para as empresas. Como é relatado na reportagem da Revista Caros Amigos, os indígenas

são contratados como qualquer outro trabalhador brasileiro, [então] não há registros de quantos estejam nos frigoríficos. O sociólogo Jandir Santos, professor aposentado, estima que já sejam mais de 500 na região de Chapecó (PRIMI, 2013, p. 22).

Uma das maneiras de se estimar a quantidade de trabalhadores indígenas nos frigoríficos (2013, p. 23) é através das ações trabalhistas movidas contra as empresas, que normalmente envolvem indígenas. Mesmo assim, são números abaixo dos reais, uma vez que não são todos os que iniciam disputas judiciais. Além disso,

nem o cacique da [T.I.] Toldo Chimbangue sabe dizer quantos índios, dos poucos mais de 600 que vivem na aldeia, estão empregados nos frigoríficos. “Sei que só na unidade da minha

⁴ Brasil Foods (BRF), JBS e Marfrig

⁵ <<http://moendogente.org.br/#lat=-23.378341326108416&lng=-49.881663489746245&zoom=5>> Acesso em 23/07/2015.

⁶ É, também, a reportagem que estimulou esta pesquisa.

filha são pelo menos 40”, diz. (PRIMI, 2013, p. 23).

O cenário das indústrias de carne e suas linhas de produção não é desconhecido pelos Kaingang do Chimbangue; diversos problemas de saúde ou acidentes de trabalho foram relatados, mas muitas das pessoas não puderam – em alguns casos não quiseram – deixar de trabalhar por conta disso. São comuns falas que apontam para a incapacidade de realizar outros trabalhos ou quaisquer outras atividades depois de certo tempo trabalhando nos frigoríficos, dependendo da função, e são ainda mais recorrentes as histórias de doenças e afastamentos causados pelos esforços diários nos frigoríficos. No entanto, também não são poucas as constatações de que o trabalho nos frigoríficos está longe de constituir de fato uma escolha, em vez disso, principalmente por conta da baixa escolaridade, os Kaingang precisam se sujeitar àquilo que muitos deles chamam de “um trabalho que ninguém mais quer”.

COMIDA E CRIAÇÃO

A inserção no mercado de trabalho através de indústrias da carne traz para a Terra Indígena algumas questões que se relacionam e se contrapõem com as práticas da aldeia.

A alimentação e a relação com os animais são dois elementos bastante próximos, pois muitos dos animais que são familiares aos Kaingang o são por estarem sendo criados para o abate e consumo próprio. Os suínos são as criações mais comuns na Terra Indígena e de longe fornecem a carne mais consumida. Os animais são abatidos ali mesmo e sua carne costuma circular na própria Terra Indígena; alguns moradores são conhecidos por criarem mais suínos que os demais e quase sempre terem algum já gordo para ser abatido, é dessas pessoas que aqueles que trabalham fora ou não possuem espaço para ter animais compram carne de criação. As criações de aves são menos comuns e menos sistemáticas que as de suínos: enquanto estes são criados presos e existe um maior controle da criação, as galinhas são menos controladas, ficam soltas e andam por todos os lugares. Mais raramente, encontra-se

uma vaca para produção de leite e alguns patos. De qualquer forma, não são comuns grandes criações de animais para comercialização.

Em todos esses casos, são normalmente as mulheres ou as crianças que cuidam da alimentação dos animais; elas são responsáveis por levar as sobras de comida aos suínos, por mover as vacas ou os bezerros⁸ para pastos diferentes e para locais com água, mas a ordenha é feita exclusivamente por mulheres. O leite frequentemente é utilizado para fazer queijo pelas mulheres e pode ser tanto consumido na própria casa e, havendo leite o suficiente para fazer mais queijo, vendido para outras famílias. Os homens ficam com tarefas de construir as baias para os suínos, ou algum galinheiro, abater os suínos para que as mulheres preparem a carne e eventualmente capturar algum suíno mais agressivo que tenha escapado.

Dentre os animais de criação, os suínos provavelmente serão abatidos em ocasiões especiais, como feriados comemorativos ou aniversários, por terem uma carne considerada mais saborosa que a comprada. As aves, por sua vez, são as que têm maiores chances de serem considerados animais de estimação ou, mais precisamente, animais de enfeite; também as vacas produtoras de leite podem alcançar essa posição. Segundo alguns Kaingang, é interessante manter esses animais para que os arredores da casa não fiquem “vazios”. Um dos exemplos mais significativos é o de uma moradora que possui muitas galinhas e se orgulha ao dizer que, quando alimenta as aves, mal se pode ver o chão de tantos animais. E ela se recusa a diminuir esse número abatendo alguma delas para consumo e sente pena “só de pensar” em vender para alguém que as comeria. As galinhas “enchem” e “enfeitam” o quintal. Não raro observações do mesmo tipo são feitas a respeito dos patos, que também costumam circular livremente.

Essa função de embelezar um lugar é atribuída também aos pássaros, por conta de seu canto; mantidos em gaiolas, são expostos durante o dia e recolhidos durante a noite. Em algumas ocasiões de festa as gaiolas são realocadas para que os pássaros fiquem ainda mais à vista. Ao mesmo

⁸ Apesar de alguns bovinos, nunca tive conhecimento do consumo da carne desses animais.

tempo, os cachorros das casas, que comumente circulam livremente pelos quintais ou varandas, são espantados, muitas vezes com violência, em dias festivos “porque são feios” e se comportam de maneira considerada inadequada.

Nesse mesmo sentido, mas a respeito dos Karitiana, Vander Velden aponta: “Diz-se de araras e papagaios, mas também de galinhas da égua (...) e dos coelhos que eles enfeitam a aldeia. A simples presença da égua serve, diz-se, de “enfeite”, ou para “enfeitar o quintal” de casa” (Vander Velden, 2012, p. 136).

Os suínos e os bovinos, ainda que não sejam comumente considerados capazes de adornar um lugar, estão associados a um momento bastante específico e importante na vida de um Kaingang: o seu nascimento. Como aponta Rosa (2008, p. 38), “o principal cuidado que a mãe deve ter logo que a criança nasce é guardar o umbigo” com a intenção de que, após a morte, “o corpo voltará para junto da terra”. Assim, quando nascem, as crianças

têm seus umbigos enterrados na mesma terra onde estão desde o nascimento, ligados umbilicalmente, pretendem que seus corpos sejam enterrados quando morrerem. É nesse sentido que pode-se entender porque uma terra indígena não é substituível por outra (Tommasino, 2004, p. 152).

Em uma ocasião, os indígenas discutiram brevemente sobre a possibilidade do governo construir uma hidrelétrica nas proximidades das terras Kaingang, o que acabaria alagando algumas áreas. O cacique lamentava tais previsões, pois se isso de fato ocorresse o lugar em que ele havia enterrado o umbigo de um filho ficaria “embaixo d’água”.

De acordo com os Kaingang do Chimbangue, o ideal é que se enterre o umbigo próximo a um lugar em que se cria gado ou suínos – “uma invernada” ou “chiqueiro”, respectivamente –, para que a criança cresça e se desenvolva tão bem quanto a criação e que adquira dela caracterís-

ticas consideradas positivas como a domesticidade e o fato de serem animais úteis. Para que o inverso não ocorra, é preciso ter o cuidado de enterrar o umbigo a uma profundidade suficiente para que ele não seja encontrado por um animal que transmita características indesejáveis para a pessoa, como um cão, que tornaria a criança susceptível ao comportamento vadio; um gato, que poderia tornar a pessoa igualmente gatuna e malandra; ou uma galinha, cujo dono do umbigo por ela encontrado possivelmente desenvolveria um comportamento promíscuo.

Para além das questões acerca do nascimento, os animais criados para consumo são constantemente colocados em relação aos animais abatidos nas indústrias para evidenciar um modo de criar mais “natural” em oposição ao modelo industrial de criação; além disso, possuem a carne mais apreciada. Os animais criados pelos Kaingang são alimentados com sobras das refeições familiares – arroz, farinhas, feijão, legumes (os ossos são deixados para os cachorros); uma comida considerada “natural” na medida em que não é processada. O tempo de engorda dos animais é lento – “que é o tempo que ele leva pra engordar mesmo” – e é preciso saber esperar. Os Kaingang asseguram que aqueles que se alimentam de uma carne de criação – ou de caça –, produzida com uma alimentação mais natural, se tornam pessoas “fortes”⁹ que nunca adoecem. Essas pessoas são os “mais velhos”, que até hoje mantém os hábitos alimentares mais antigos.¹⁰

A carne industrializada é a mais consumida, principalmente a suína, e está presente cotidianamente nas refeições das famílias. Diferentemente dos animais de criação, os das indústrias frigoríficas são alimentados com rações e, segundo os Kaingang, com “hormônios”, pois o crescimento é muito acelerado. São os fatores principais que resultam em um animal e uma carne artificiais, esta última “branca” e “aguada”, que “enche a boca da gente de água quando a gente mastiga”. Consequentemente, os que se abastecem de carnes produzidas a

⁹ Sobre isso ver Oliveira (2009).

¹⁰ Também envolve outros alimentos que não a carne – como plantas do mato – e também um preparo específico – sem sal e sem banha.

partir de comidas industrializadas se tornam pessoas de corpo mais “fraco”. Além disso, alguns Kaingang que trabalham nos frigoríficos se mostram receosos em consumir certos tipos de carnes, como carnes processadas, pois têm conhecimento da linha de produção e de práticas pouco higiênicas de aproveitamento de restos ou de carnes que eles não consideram boas para consumir, “doentes” ou “manchadas”, por exemplo.

Por fim, existe outra possibilidade quando se trata de comer carne, mas que não é tão presente entre os Kaingang: a caça. Para a maioria dos moradores do Chimbangue, a carne de caça ocupa um lugar no imaginário daquilo que é uma vida e uma alimentação consideradas “tradicionais”. É considerada como alimentação verdadeiramente Kaingang e, quando tempos mais antigos são recordados, ela é sempre mencionada como aquilo que se consumia cotidianamente. Hoje, no entanto, seu consumo fica mais restrito aos homens, pois, apesar de cozinharem a carne do animal caçado, as mulheres declaram ter “enjoado” do sabor marcante que ela possui, e argumentam que já comeram por muitos anos quando eram crianças.

A carne de caça pode ser adquirida de duas maneiras: ou caçando o animal diretamente¹¹, ou comprando de alguém que o fez. Neste último caso, costumam ser homens mais novos que caçam e vendem a carne para “fazer um dinheirinho”, e eles também podem e a consomem, mas é dos mais velhos que vem a demanda para que se adquira e prepare uma carne desse tipo. É quando o homem – normalmente o marido – quer comer especificamente a carne de caça que as mulheres a preparam, e então os filhos ou outros jovens também podem comer.

Os animais mais caçados atualmente no Chimbangue são o quati e o tatu, pois animais maiores são raros. Isso se deve, segundo os moradores do Toldo, ao fato de suas terras terem sido ocupadas por muito tempo por colonos, que destruíram as matas para a prática da agricultura. Atualmente, esses espaços mais distantes de

mato e florestas vêm sendo recuperados e, conseqüentemente, espera-se um aumento gradual dos animais de caça.

Tal como a carne industrializada, a carne de caça é, novamente pelas mulheres, considerada suspeita, uma vez que não se sabe – ou não se tem controle – sobre o modo como ela é produzida, como o animal de caça “se criou” no mato. Apesar de já terem consumido esse tipo de carne, se referem aos animais caçados como animais de que não sabem a procedência ou como animais meio indefinidos, no sentido de não ser possível dizer exatamente o “tipo de animal” que ele é por seus hábitos serem desconhecidos e alheios ao controle humano. Assim, tem-se um contraste e uma aproximação entre a carne de caça, que representa uma originalidade e uma tradição Kaingang, e a carne industrializada comprada nos mercados da cidade: a primeira, forte demais, é pouco consumida e deixa o corpo resistente; a segunda, fraca demais, está sempre presente no cardápio do Toldo e enfraquece a pessoa. Ambas, no entanto, não possuem a proximidade presente no processo de criação, que conhece o tempo de engorda e sabe do melhor alimento para os animais. Uma é produzida, sem que se possa interferir, nos frigoríficos. A outra está distante, e também inacessível, no mato.

“SE A PESSOA PLANTASSE (...) ELA SERIA LIVRE”

É também de distância o problema que se apresenta para os Kaingang sobre o trabalho nos frigoríficos, principalmente quando colocado em relação às atividades realizadas na Terra Indígena, majoritariamente agrícolas. Um pouco no sentido oposto do que talvez se poderia imaginar, os Kaingang do Toldo Chimbangue não são oposição veemente ao agronegócio; este não se apresenta como algo distante e ameaçador, e sim através de agricultores das redondezas – com os quais os Kaingang têm contato constante – e como alternativa ao trabalho exaustivo dos frigoríficos, principalmente. Além dos indígenas já terem diversos cultivos e criarem animais, existem alguns esforços para trazer para a aldeia parcerias de criação de animais que permitissem aos Kaingang trabalhar na própria Terra Indígena.

¹¹ Os Kaingang fazem isso com armas de fogo e às vezes com cães.⁸ Apesar de alguns bovinos, nunca tive conhecimento do consumo da carne desses animais.

Nesse sentido, parece que o que está em questão é principalmente a localidade do trabalho: fora, no frigorífico, tende a ser considerado como uma atividade que não contribui com a comunidade, afasta os Kaingang da aldeia e significa condições de trabalho degradantes. Dentro dos limites do Toldo, por outro lado, o trabalho mantém, obviamente, os Kaingang associados à sua terra e aos seus iguais, mesmo que possa estar vinculado às agroindústrias.

A prática da agricultura no Toldo Chimbangu enfrenta diversas dificuldades, principalmente no que diz respeito a pouca capacidade de investimentos que os indígenas são capazes de realizar. As atividades agrícolas, segundo os moldes produtivistas, prevê investimentos consideráveis em insumos, fertilizantes e venenos, além de demandar tecnologia, principalmente através de maquinários. Isso se apresenta como um problema para diversos grupos Kaingang, que não podem arcar com tais gastos, mas que são, como também o são grande parte dos produtores rurais, reféns de um modelo que privilegia a monocultura e exige inúmeras aquisições para que o processo produtivo aconteça (NACKE et al. 2007, p. 90).

O cacique Idalino aponta para um orçamento disponibilizado anualmente que, bastante reduzido, dificilmente cobre os gastos corriqueiros – como consertos de máquinas e gasolina – e impede investimentos maiores na produção. Por outro lado, as iniciativas sem apoio do governo também são impedidas por outros obstáculos que se apresentam. A seguir, exibimos parte de um diálogo que tive com o cacique em que ele se posiciona muito abertamente sobre tais aspectos.

Idalino: Hoje o governo não investe nas comunidades indígenas, mas precisaria de muito mais, de projetos, parcerias...

Pesquisadora: “Quais projetos exatamente?”

Idalino: Produção de leite, produção de mel, e

gado de corte que aqui nessas terras que não são planas e é ruim plantar a gente pode fazer isso. E parceria pra trazer aviário, criação de galinha, de porco.

Pesquisadora: “Mas as parcerias não dependem da verba do governo?”

Idalino: Não, mas as pessoas têm preconceito em se associar com índio porque elas falam: ‘Ah, os frangos vão estar no ponto pro abate os índios vão comer tudo. Eu já tentei conversar pra ter criação de porco aqui, mas eles querem garantia e o que é que a gente tem pra dar de garantia?’

Em seu trabalho a respeito dos Karitiana, Vander Velden (2012), aponta, também, para algumas tentativas de implementação de criação animal na Terra Indígena dos Karitiana, como forma de suprir as necessidades alimentares diante de uma diminuição de oferta de animais de caça e pesca. O autor aborda mais especificamente a instalação de um galinheiro que, ainda que chegado a se concretizar, veio a fracassar. Sobre isso, existem duas versões distintas: a dos Karitiana aponta para um comportamento canibal das galinhas de raça fornecidas para habitar o galinheiro, que acabaram comendo umas às outras e morrendo. A versão de técnicos da Funai alega que os indígenas ficaram descontentes por ter que plantar o milho para alimentar as galinhas e, por conta dessa insatisfação, comeram-nas (Vander Velden, 2012, p. 145,146). Não soube de nenhum projeto nesse sentido entre os Kaingang, tampouco de alguma história que justificasse a fama dos indígenas de serem maus criadores – até porque não tive contato com o outro lado das negociações, fazendeiros, cooperativas ou técnicos, por exemplo. De qualquer forma, existem ruídos na comunicação entre os indígenas e aqueles com os quais eles desejam negociar que impedem ou inviabilizam a criação de animais nessas Terras Indígenas.

¹² Trata-se da Hidrelétrica Foz do Chapecó. “Através do Termo de Conduta Funai/Aneel, o vencedor do leilão do Aproveitamento Hidrelétrico Foz do Chapecó ficava obrigado a adquirir 1500 hectares das terras eleitas, para a criação da Reserva Indígena, bem como, destinar dois milhões de reais (R\$2.000.000,00) para o desenvolvimento de programas voltados à auto-sustentabilidade da comunidade indígena” (Rocha, 2005, p. 30-31).

No discurso dos moradores do Chimbangue, a preocupação com o desenvolvimento de uma economia agrícola difere de outras Terras Indígenas, em especial a TI Aldeia Condá, que buscaria, em vez disso, recuperar suas práticas culturais. Essa Terra Indígena aparece diversas vezes nas falas dos Kaingang do Chimbangue como uma comunidade mais “tradicional”, formada por “índios de verdade”. Nesse sentido, são vistos também como uma Terra Indígena mais fechada, onde os moradores evitam falar com pessoas brancas e dificilmente conversam com quem não sabe a língua Kaingang. Um morador do Chimbangue, mesmo assumindo que, de fato, admira outras comunidades que têm se mostrado mais exitosas na preservação da cultura e que seriam, por tais motivos, Kaingang “mais puros”, afirma: “De cultura ninguém vive. Hoje não adianta, o índio tem que virar um pequeno agricultor”. Eu, intencionando uma provocação, questionei se, tornando-se agricultor, o indígena não deixaria de ser indígena, ao que ele retrucou: “Não, é igual advogado: vira advogado, mas não deixa de ser índio”.

Muito se fala, no Toldo Chimbangue, da má utilização de um dinheiro indenizatório recebido pelos indígenas da Aldeia Condá por conta da construção de uma barragem em seu território¹². Segundo os moradores do Chimbangue, o dinheiro poderia ter sido utilizado na compra de maquinário e insumos para a agricultura – coisa de que os próprios moradores pesquisados necessitam –, o que não aconteceu, e fez com que se tornasse um “dinheiro perdido”. Isso porque, segundo os relatos, os moradores da Aldeia Condá não pensam em produzir e em desenvolver-se, só pensam em “viver de cultura”.

Essa não é, então, uma questão que se coloca de maneira fixa, tampouco definitiva. Se o trabalho agrícola no próprio território é visto em relação aos indígenas “mais tradicionais” da Aldeia Condá como uma atividade que não é “tão Kaingang”, em relação ao trabalho nos frigoríficos é considerado como algo de fato indígena. É importante destacar, no entanto, que em nenhum momento os Kaingang colocam em questão o fato de serem realmente indígenas.

Existem alguns Kaingang que trabalham na sede da FUNAI em Chapecó, o que não é ques-

tionado da mesma maneira como se questiona o trabalho nos frigoríficos, talvez porque se trate de um órgão cuja proposta é justamente a de atender populações indígenas, o que faz com que seja um emprego que é voltado para a própria comunidade. Outro exemplo que evidencia melhor essa questão é de uma moradora do Chimbangue que trabalha como professora na escola na aldeia. Segundo ela, muito em breve os moradores do Chimbangue poderão enfrentar problemas “dentro de casa” por conta da grande contratação de mulheres pelos frigoríficos, o que faz com que elas passem o dia fora e precisem delegar o cuidado dos filhos a parentes e amigos e não executem mais tão bem as tarefas domésticas. Quando eu a questionei sobre seu próprio emprego como professora, ela justificou dizendo que não trabalha “na cidade, que é longe” e que, tendo um emprego como professora, contribui de maneira significativa com a comunidade, através da educação, o que não pode ser alegado por alguém que está empregado em algum frigorífico.

Apesar dos insistentes relatos contrários ao trabalho nos frigoríficos – tanto pelas más condições de trabalho quanto ao fato dele disputar espaço com atividades consideradas mais condizentes com o modo de vida Kaingang –, vale lembrar de um importante efeito positivo na vida das mulheres que estiveram ou estão empregadas nessas empresas, o que não é uma tentativa de atenuar as condições de trabalho dos frigoríficos, tampouco a falta de alternativas de empregos para os Kaingang. Muitas das mulheres do Toldo Chimbangue já trabalharam nos frigoríficos, nos quais tiveram sua primeira experiência com uma atividade remunerada. Quando recordam a época em que recebiam salário, tinham uma independência financeira e capacidade de comprar certas coisas que antes não tinham condições; a maioria apresentou o trabalho nos frigoríficos como um fator positivo, que permitia um poder de compra maior e mais autonomia em relação à família. Normalmente essas mulheres deixaram de trabalhar devido ao casamento, pois passam a se dedicar mais às atividades domésticas e aos cuidados das crianças. Algumas delas relataram ter a intenção de retornar às indústrias de carne.

Mesmo aqueles que trabalham nos frigoríficos muitas vezes concordam com o fato de ser uma atividade que retira os indígenas de seu

território e que não oferece uma contrapartida para a comunidade. Alguns argumentam que, se pudessem, permaneceriam na Terra Indígena, investindo e cultivando seu próprio território e ficando entre os seus. O cacique Idalino, por sua vez, encara muitos dos que buscam empregos fora da aldeia como “gananciosos” que, em parte, impedem uma melhora na condição econômica dos moradores do Chimbangue e da Terra Indígena como um todo,

porque as pessoas querem ter o dinheiro delas todo mês e aí vão pras empresas, pros frigoríficos, e em cinco anos tão tudo estragado, não presta pra mais nada. Porque aqui [no Chimbangue] tem funcionário que tira dois mil e quinhentos por mês, mas aí chega o dia quinze e não tem mais nada, porque tem que gastar tudo com comida. Se a pessoa plantasse, ia tirar quinhentos reais por mês, mas ia ter o que comer e o dinheiro seria todo dela, ela seria livre.

Diante do cenário em que uma quantidade expressiva de Kaingang tem buscado o trabalho nos frigoríficos, diversas declarações de pessoas mais velhas acusam os mais jovens de, ao abandonarem o trabalho na lavoura e o cuidado dos animais e procurarem um emprego formal, estarem deixando de lado as “coisas de índio”. As relações que podem ocorrer a partir dessas atividades são diversas, principalmente através da troca de favores e serviços durante o plantio e a colheita. Os moradores auxiliam uns aos outros na limpeza da terra, na utilização do maquinário, no carregamento e armazenamento daquilo que foi colhido. São relações que envolvem troca de favores e trabalhos entre parentes e vizinhos. A colheita do milho, mais especificamente, pode envolver a convecção de cestos para transportar e armazenar as espigas. E as criações – e até mesmo a caça –, além de implicarem em divisões de tarefas entre os familiares, provocam uma circulação de alimentos e conhecimentos sobre o seu preparo entre os moradores do Toldo. São, portanto, coisas (de índio) que o trabalho nos frigoríficos não pode oferecer. Uma linha de produção engessada não oferece interações, empréstimos de ferramentas ou trabalhos esporádicos entre vizinhos. Animais que são apenas animais de corte não produzem corpos fortes, não são capazes de

enfeitar quintais, tampouco estão associados ao nascimento Kaingang.

O que parece ocorrer em relação ao trabalho no Toldo Chimbangue se aproxima menos de permanecer indígena apesar de agricultor – como podem sugerir as falas a respeito da Aldeia Condá e seus moradores –, e muito mais de ser Kaingang justamente porque pratica a agricultura e cria animais. Assim, a percepção que os Kaingang do Chimbangue têm dos frigoríficos está, obviamente associada às diferentes experiências individuais vivenciadas neste emprego específico, sejam elas positivas ou negativas. Mas está atrelada, também, a questões mais gerais e compartilhadas, referentes àquilo que o Toldo Chimbangue, enquanto uma comunidade, pensa a respeito do trabalho e de sua importância para a Terra Indígena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A contratação dos Kaingang como mão de obra pelas empresas frigoríficas tem quase uma década, pelo menos para a maioria dos moradores do Toldo Chimbangue. Diante disso, este artigo buscou apresentar o modo como os elementos trazidos pelos frigoríficos se relacionam e se opõem aos demais da vida Kaingang, com ênfase no que toca à alimentação, às relações com os animais e ao trabalho. Por um lado, as práticas da aldeia possuem aspectos que não estão presentes em uma linha de produção, os animais de criação não só são fortes o suficiente para deixar aqueles que deles se alimentam também resistentes, como são capazes de interferir na formação do caráter de uma criança Kaingang, dependendo do lugar em que seu umbigo for enterrado. Da mesma forma os animais de uma linha de abate não servem para ocupar espaços e enfeitar quintais, serão somente abatidos. Por outro lado, assim como a carne industrializada possui uma origem duvidosa, o mesmo ocorre com a carne de caça, que não se sabe como foi “feita”. A carne de caça ocupa uma posição ambígua: ora representando o ideal da tradição alimentar Kaingang, ora se distanciando do consumo Kaingang por ser considerada uma carne desconhecida. Por fim, os frigoríficos trazem elementos utilizados pelos Kaingang para questionar as possibilidades de trabalho que lhes são apresentadas atualmente, na medida em que se critica e reconhece

a distância do local de trabalho, o problemas de saúde frequentemente ocasionados e as precárias condições de trabalho. Ganha destaque a busca por um trabalho que, sendo indígena, mantenha os Kaingang nos limites do Toldo e envolva os cuidados com os animais e com o plantio, seja para consumo próprio, seja para o comércio, associado ou não às agroindústrias. Nesse sentido, tais aspectos da vida Kaingang parecem se tornar ainda mais evidentes quando colocados em diálogo com as linhas de produção de carne e aquilo que elas implicam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BELLANI, Eli Maria. Madeira, balsas e balseiros no Rio Uruguai. O processo de colonização do velho município de Chapecó (1917/1950). Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1991.

CARNE e Osso. Direção de Caio Cavechini e Carlos Juliano Barros. Produção de Maurício Hashizume. Realização de Repórter Brasil. Roteiro: Caio Cavechini. 2011. Son., color. Disponível em endereço eletrônico <<http://reporterbrasil.org.br/carneosso/>> Acesso em: 20 de jun. 2016.

CIMI REGIONAL SUL. Toldo Chimbangue: História e Luta Kaingang em Santa Catarina. Xanxerê: 1984.

JUNIOR, Flavio Silveira Rosado. Relatório de estágio supervisionado: Coopercentral Aurora Alimentos. Universidade Federal de Santa Catarina – Departamento de Engenharia Química e Alimentos. Florianópolis, 2012.

MOTA, Lúcio Tadeu. Os índios Kaingang e seus territórios nos campos do Brasil Meridional na Metade do século XIX. p 81-88. In: Uri e Wãxi. Estudos Interdisciplinares dos Kaingang. MOTA, Lúcio Tadeu; NOELLI, Francisco S.; TOMMASINO, Kimiye (Org.). Ed. UEL, Londrina, 2000.

NACKE, Aneliese; RENK, Arlene; PIOVEZANA, Leonel & BLOEMER, Neusa. Os Kaingang no oeste catarinense: tradição e atualidade. Chapecó, Argos, 2007.

ONG REPÓRTER BRASIL (Brasil). Moendo Gente: a situação do trabalho nos frigoríficos. 2013. Disponível em: <http://reporterbrasil.org.br/wp-content/uploads/2015/02/16.-moendo_gente_final.pdf> Acesso em: 20 jun. 2016.

PRIMI, Lilian. Índios na linha de produção: Frigoríficos buscam mão de obra em aldeias para trabalho com alto índices de doenças. In: Revista Caros Amigos, São Paulo nº 197/agosto 2013, p. 20 -23.

TOMMASINO, Kimiye. Homem e natureza na ecologia dos Kaingang da bacia do Rio Tibagi. In: TOMMASINO, Kimiye; Mota, Lúcio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva (Org.). Novas contribuições aos Estudos Interdisciplinares dos Kaingang. Londrina, Eduel. 2004.

OLIVEIRA, Philippe Hanna de Almeida. Comida forte e comida fraca: alimentação e fabricação dos corpos entre os Kaingáng da terra indígena Xaçecó (Santa Catarina, Brasil). Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2009.

ROCHA, Cinthia Creatini. Adoecer e Curar: Processos da Sociabilidade Kainang. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Departamento de Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

ROSA, Patrícia Carvalho. A noção de Pessoa e a Construção de Corpos na Sociedade Kaingang Contemporânea. In: Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 15-43, jan./jun. 2008.

VANDER VELDEN, Felipe Ferreira. Inquietas companhias: sobre os animais de criação entre os Karitiana (2012). São Paulo: Alameda, 357 p.